

Baseado na proposta dos Brics apresentada pelo Brasil, o texto final da COP16, em Roma, reconhece a necessidade de mobilizar recursos para a área. Porém, a decisão sobre a criação de um novo fundo foi postergada, mais uma vez

Acordo sobre biodiversidade só em 2028

» PALOMA OLIVETO

Aprovado na madrugada de sexta-feira, o texto final da 16ª Conferência do Convênio sobre a Diversidade Biológica (COP16/CBD) é um sinal de esperança para o multilateralismo, mas o avanço em relação aos mecanismos de financiamento da proteção à biodiversidade foi insuficiente, avaliam especialistas. A COP16 foi reiniciada em Roma, após o vexame do ano passado, quando o evento, originalmente em Cali, na Colômbia, foi encerrado sem nenhum acordo e com o plenário esvaziado.

Em meio a cortes orçamentários da União Europeia e a certeza de que o governo norte-americano não doará, nos próximos quatro anos, nenhum centavo a acordos no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), o bloco dos ricos e o dos Brics, esse último liderado pelo Brasil, entraram em um embate sobre a origem e a administração de um fundo global. No fim, depois de 11 horas de reuniões, concordaram com um “arranjo permanente” para ajudar os países em desenvolvimento a conservar a biodiversidade. Também deram o aval para uma “mobilização” de ao menos US\$ 200 bilhões por ano até 2030.

Porém, não se definiu exatamente de onde sairá esse dinheiro nem seu destino e quem estará a cargo da administração dos recursos. À frente dos Brics, o Brasil defende a criação de um fundo específico para ajudar os países a alcançar as metas do acordo de Kunming-Montreal, assumido em 2022. O texto traz 23 objetivos, sendo o principal proteger 30% das terras e dos mares, contra os atuais 17% e 8%, respectivamente. A presidência da COP ficaria responsável pela gestão financeira. Europa, Japão e Canadá, contudo, preferem que os bilhões sejam depositados em contas já existentes, a cargo do

AFP



Negociadores de 196 países passaram três dias para negociar o documento final, previsto para novembro do ano passado

» Mecanismo estabelecido

Um dos resultados considerados mais bem-sucedidos na rodada final da COP16, em Roma, foi o estabelecimento do Fundo Cali, acordado na Colômbia, em novembro do ano passado. O mecanismo vai mobilizar recursos financeiros de empresas que usam dados genéticos sequenciados digitalmente e foi um celebrado especialmente por povos indígenas e populações tradicionais, que receberão 50% dos recursos para ações locais de biodiversidade.

Banco Mundial. A decisão sobre um novo mecanismo foi jogada para 2028. “Temos o prato, agora falta encontrar a comida”, definiu Daniel Mukubi, representante da República Democrática do Congo, citado pela agência France Presse.

“Os Estados Partes deram um passo na direção certa. Nós os parabenizamos por alcançarem esses avanços multilaterais em um contexto global desafiador. Há consenso sobre um caminho a seguir para estruturar os arranjos

financeiros necessários para deter a perda da biodiversidade e restaurar a natureza”, avalia Efraim Gomez, diretor de Políticas Globais do WWF Internacional. “No entanto, esse passo necessário ainda não é suficiente”, acredita.

Desafios

Brian O'Donnell, diretor da organização Campanha pela Natureza também avaliou que, após anos de negociações, a aprovação de um texto em consenso, como

tem de ser nas COPs, é “muito bem-vinda”. “Nesses tempos turbulentos, é inspirador ver 196 países se unirem e superarem diferenças e desafios nacionais para chegar a uma solução compartilhada”. Um dos destaques da COP16, segundo O'Donnell, foi a promessa de se criar, pela primeira vez, um diálogo internacional de ministros do meio ambiente e de finanças para mobilizar o financiamento da biodiversidade.

O Brasil foi fundamental para o resultado da COP16. “O Brasil

desempenhou um papel essencial na busca por soluções concretas, demonstrando que países megabiodiversos não estão apenas esperando compromissos, mas ativamente construindo pontes para viabilizar a implementação do Marco Global de Biodiversidade”, acredita Michel Santos, gerente de políticas públicas do WWF-Brasil. “Em um momento de crise do multilateralismo, avançar em um arranjo financeiro para a biodiversidade é uma resposta necessária e urgente.”

Na COP16, os países também adotaram regras e indicadores fiáveis que devem medir e verificar os esforços da humanidade para salvar a natureza daqui até a COP17 em 2026, na Armênia. Tanto as nações desenvolvidas quanto emergentes já haviam concordado na urgência de solucionar o desmatamento, a exploração excessiva de recursos e a poluição que ameaçam a alimentação, a saúde, o clima e a conservação de um milhão de espécies.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 24

HUNOS EXCLUÍDOS DA ELITE DO IMPÉRIO XIONGNU

Após análise de 370 indivíduos dos antigos hunos, que surgiram na Europa, no século IV d.C., pesquisadores concluíram que poucos deles compartilham laços genéticos com representantes da elite do Império Xiongnu — que reunia vários grupos étnicos e linguísticos, inclusive os mongóis. A revelação põe por água abaixo a crença sobre a origem dos hunos. A pesquisa abrangeu locais na estepe mongol, Ásia Central e Bacia dos Cárpatos da Europa Central. O coautor do estudo, Guido Alberto Gnechi-Ruscone, do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, reconheceu: “Foi uma surpresa descobrir que poucos desses indivíduos do período Hun na Europa compartilham ligações IBD com alguns integrantes da elite imperial de mais alta patente do final do Império Xiongnu”.

MAX PLANCK INSTITUTE FOR EVOLUTIONARY ANTHROPOLOGY



TERÇA-FEIRA, 25

DIVERSIDADE DE ESPÉCIES AJUDA ARMAZENAR CARBONO

Florestas com muitas espécies de árvores podem armazenar mais carbono do que as que reúnem somente uma espécie. Um estudo internacional liderado pela Universidade de Freiburg, publicado na *Global Change Biology*, ressalta essa descoberta a partir da análise da diversidade de árvores tropicais mais antigas do mundo. Pesquisadores verificaram que os locais com cinco espécies de árvores mantinham maior reserva de carbono no solo do que no caso das monoculturas.

QUARTA-FEIRA, 26

AS BACANTES DE POMPEIA

Afrescos de Pompeia, dos anos 40-30 a.C., foram encontrados e revelam as chamadas seguidoras de Baco, as bacantes. Elas são representadas como bailarinas ou caçadoras, que seguram um cabrito abatido ou com a espada. Também há jovens sátiros com orelhas pontiagudas tocando flauta ou realizando libações (um sacrifício com vinho). No centro, há uma figura feminina acompanhada por um ancião que carrega uma tocha, provavelmente uma jovem mortal participando de um ritual noturno para se iniciar nos mistérios de Dionísio (o nome grego de Baco). Todos estão sobre pedestais, como se fossem estátuas. Durante a erupção do Vesúvio em 79 d.C., as cinzas que caíram ajudaram a preservar muitos dos edifícios de Pompeia.

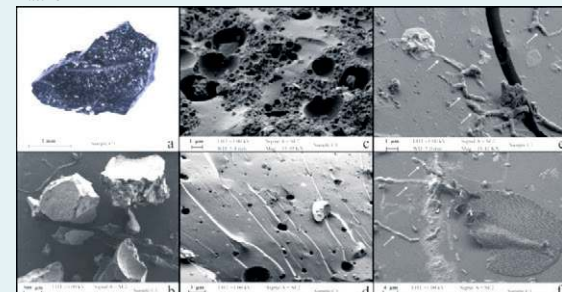
AFP



MARTE É MESMO VERMELHO

Pesquisadores da Brown University e da University of Bern descobriram o porquê de Marte ser vermelho. Estudo publicado no periódico *Nature Communications* sugerem que o mineral de ferro rico em água ferrihidrita pode ser o principal responsável por trás da poeira avermelhada de Marte. A teoria deles — que eles chegaram analisando dados de orbitadores marcianos, rovers e simulações de laboratório — vai contra a teoria predominante de que um mineral seco e semelhante à ferrugem chamado hematita é a razão para a cor do planeta. Ferrihydrite é um mineral de óxido de ferro que se forma em ambientes ricos em água. Na Terra, é comumente associado a processos como o intemperismo de rochas vulcânicas e cinzas. A descoberta indica que no Planeta pode ter ocorrido um ambiente capaz de sustentar água líquida — um ingrediente essencial para a vida — e que ele fez a transição de um ambiente úmido para um ambiente seco bilhões de anos atrás.

Nature



QUINTA-FEIRA, 28

CÉREBRO DE VIDRO

Cientistas italianos revelaram como o cérebro de um homem ficou transformado em vidro, muito provavelmente devido a uma nuvem de cinzas vulcânicas há quase 2 mil anos. No ano 79 da era cristã, a erupção do Vesúvio envolveu as antigas cidades de Pompeia e Herculano sob uma espessa camada de rochas, gases e cinzas ardentes, no que é conhecido como um fluxo piroclástico ou nuvem ardente. O corpo de um jovem, de 20 anos, descoberto carbonizado sobre uma cama de madeira em Herculano, tinha algo diferente, explicou o antropólogo italiano Pier Paolo Petrone. Ele descobriu que partes do órgão se transformaram em vidro negro. Tratam-se de fragmentos de até um centímetro de largura, nos quais as redes complexas de neurônios são claramente visíveis no vidro, “algo surpreendente e realmente inesperado”. A principal hipótese é de que ele tenha sido exposto a uma temperatura superior a 510°C e depois resfriado rapidamente.